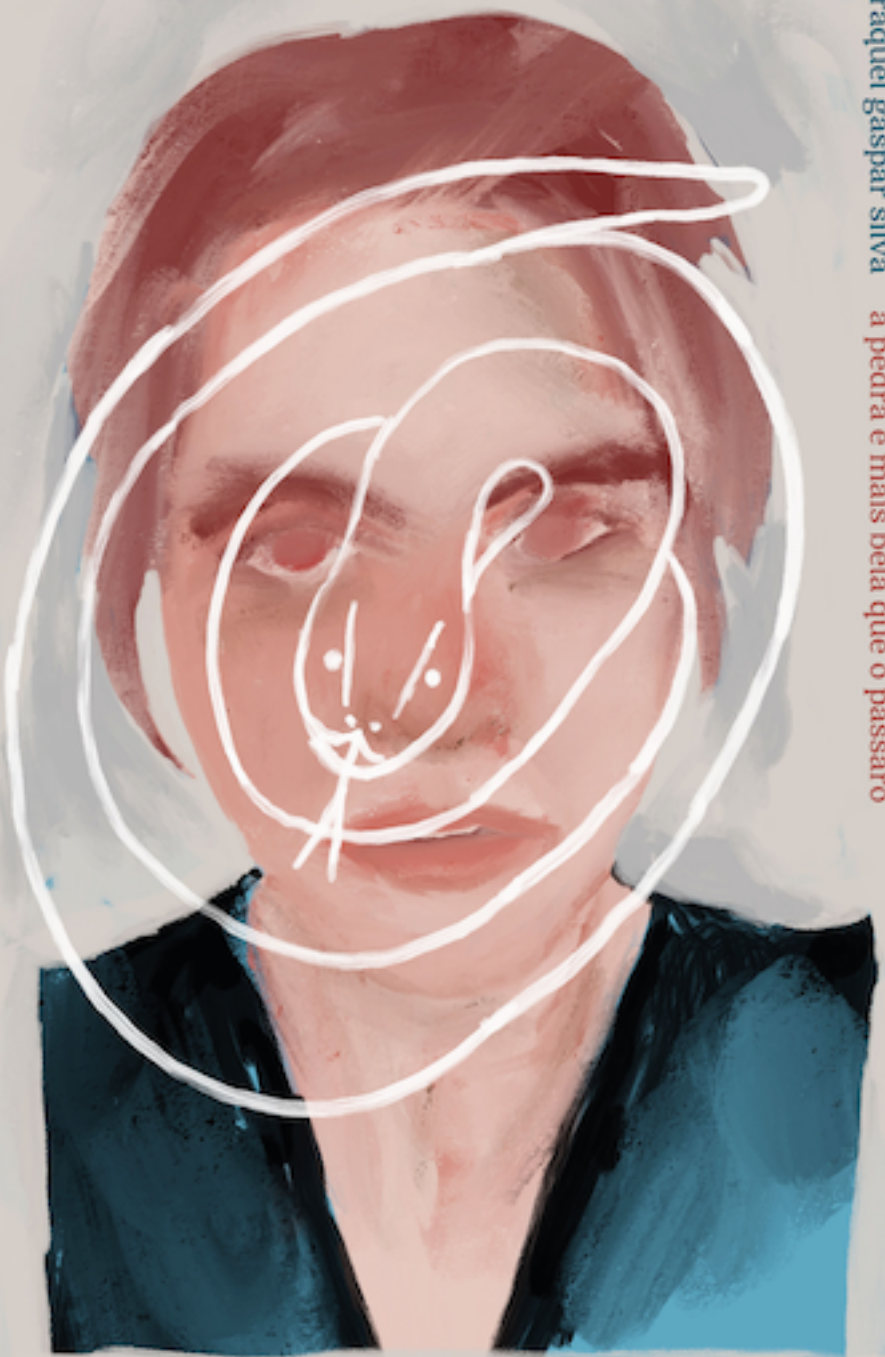


raquel gaspar silva a pedra é mais bela que o pássaro



a pedra é mais bela que o pássaro

raquel gaspar silva

/c.a.
Edições Caixa Alta

a pedra é mais bela que o pássaro
raquel gaspar silva

Edição e revisão de texto :: Nuno Quintas e Guilherme Pires
Capa: Ideias com Peso
Ilustrações de capa e contracapa: Mantraste
Projecto gráfico e paginação :: Edições Caixa Alta

ISBN :: 978-989-53096-5-8
Depósito legal :: 504 955/22

1.^a edição: Abril de 2022
2.^a edição: Setembro de 2022

© 2022 raquel gaspar silva e Caixa Alta – Oficina Editorial

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial
desta obra sem prévia autorização da editora.

/c.a.

livros@oficinacaixaalta.pt
www.oficinacaixaalta.pt
Rua Dr. Alfredo da Costa, 53
2710-524 Sintra

índice

| | |
|-------------------|----|
| mulher – serpente | 7 |
| homem – carneiro | 11 |
| coisa – santa | 21 |
| mulher – pinheiro | 27 |
| mulher – corvo | 37 |
| mulher – urso | 41 |
| mulher – chama | 45 |
| pessoa – pedra | 51 |

| | |
|------------------|----|
| coisa – cabeça | 61 |
| homem – vassoura | 65 |
| homem – cavalo | 69 |

mulher – serpente

a lâmina que corta o barro permite ver em si uma matriz de caras, e cada rosto reenvia o olhar ao seguinte. se a ceramista perguntar: «onde está a última cara?», responde a morte: «estamos aqui. juntas.» «que ideia singular!», ironizava. «todas, em algum momento, nos revelamos desconfortáveis com uma relação», chispou.

enquanto moldava o bojudo pedaço de barro, adentrava numa espécie de gruta, onde libertava as emoções, e as frases desgarradas ficavam dentro da argila, disfarçadas pela forma humana das suas apreciadas peças, diminutas pessoas pintadas com cores garridas.

havia uma série de restrições durante a feitura de uma peça: ninguém podia aproximar-se da ceramista, tão-pouco ter acesso à oficina. era conhecida por fazer

histórias com as figurinhas; dizia que assim lhes dava alma.

a ceramista determinou que iniciaria um projecto diferente e anunciou aos clientes que durante um mês, pelo menos, não aceitaria encomendas. estava saturada das figurinhas. faria um inédito serviço de mesa, em formato de receptáculo, à imagem do órgão reprodutor feminino. avisou o marido que, por este ser «quente de mais», não dormiria com ele enquanto estivesse dedicada a tal empreitada, e que, aliás, ela própria também não sairia da oficina, não tomaria banho e faria uma rigorosa e necessária abstinência sexual. o marido ouviu as recomendações com desconfiança, mas para quê questionar? arriscou apenas uma pergunta. «vai demorar uma eternidade!», respondeu a ceramista, num riso sardónico. «não te preocupes, tenta não cortar a relva durante esse período ou fazer demasiado barulho, porque as peças são sensíveis e podem-se rachar.» o homem observava a sua bela mulher, enigmática, impossível de sondar, agora mais que nunca. pensou quão engenhosa era, e voltou para casa.

a oficina ficava num anexo nas traseiras da propriedade, que servia de arrumos aos antigos proprietários e por onde se acedia a um pequeno compartimento escavado no chão. lá dentro, o microcosmo da mesa de trabalho era imenso: entre figuras grávidas e inexpressivas, geometrias, frascos baços e objectos afiados, havia folhas espalhadas pela mesa, que serviam para testar cores, e o emaranhado caótico de linhas ressaltava à vista. nunca

faltava ali um coro de aves alvoroçadas. no pequeno sepulcro, onde outrora se guardavam as garrafas mais valiosas, a ceramista acendia o fogo, que ardia vagaroso no sossego e na escuridão, ajudando a secar as peças.

nesse mesmo dia, desceu uma noite de frio. no isolamento do seu primeiro serão a sós, o homem abriu uma garrafa de vinho, desligou a televisão e a luz, recostou-se no sofá e abriu a braguilha. pôs as mãos sobre a pélvis e pensou na mulher e no seu cabelo perfeitamente arrumado, para que nenhum fio caísse ao barro.

ao segurar firmemente o pénis, ouviu um forte silvo: aproximava-se dele uma enorme serpente. alarmado, o homem levantou-se de supetão, e o pénis tombou tristonho e escuro.

- vou-te matar.
- isto não é razoável. quem és tu?
- para uma serpente, a conduta de serpente é razoável. vou-te matar.
- por favor, não me mates.

sem mais, a serpente abriu a boca e engoliu-o. as escamas ondulavam como uma manga que procura o jeito do braço, e com tais cobrejos o homem ia desaparecendo. o corpo pegajoso da serpente comprimia-se para asfixiar o homem; no fim, expandiu-se para se moldar ao tamanho da presa. a serpente entrou na oficina com dificuldade. a porta era estreita e traumatizou-lhe as escamas dorsais. enroscou-se o melhor que pôde sobre

as cinzas na garrafeira do chão. adormeceu. levaria horas a desfazer o embaçamento e a recuperar a flexibilidade. dormiu três dias seguidos, mas precisaria de cento e cinquenta horas para fazer a digestão completa do marido.

ao acordar, alongou a musculatura e começou por desviar da mesa de trabalho o que não interessava. o corpo estava ainda dilatado; sentia dores tímidas no abdómen, nas ancas, nos seios, nas coxas e na vulva. de pé, começou a preparar o barro. para ocupar a mente durante as longas horas de digestão e trabalho, e enquanto separava o barro das diferentes peças, ia cantando à medida que o corpo se adelgaçava e as espessas águas do pensamento se tornavam mais cristalinas.

segurou a lâmina com que cortava o barro, olhou-a, mas estava suja e nada reflectia. «tudo o que está feito pode ser desfeito», repetia. diante dela surgiam à vez as taças, as terrinas, a pequena molheira, as peças femininas de barro, e ela dispunha-as a boa distância, como deve ser, nem próximas, nem afastadas, aguardando que o fogo as cozesse, como no casamento.

homem – carneiro

agora que me sento à direita da urna do meu pai, vestido informalmente como convém a um marginal, cego pelo ódio a um vulto sem forma, recupero uma memória até hoje incógnita... que seja o rastilho para cremar toda a culpa.

íamos à aldeia numa caquética locomotiva a vapor, que, no seu óbvio processo degenerativo, mostrava uma preocupante inaptidão nas subidas: os passageiros eram obrigados a sair para que escalasse sozinha e mais leve o trilho antigo com as desgastadas rodas. a mãe punha-me no colo e murmurava uma cantiga, o sobrolho carregado de exagerado transtorno. eu já não era o bebé que ela embalava, tal como a locomotiva não servia de desculpa para mais uma manobra estudada de modo a deixar o meu pai desconfortável. os velhos irritavam-na:

as artrites, o reumático e as maleitas; os novos agastavam-na: as viagens, os risos, as distâncias, as mudanças de estação; e claro, o meu pai gerava nela as mais intensas exasperações. no estuário poderoso da sua raiva, o pântano sucedia ao rio e bloqueava o nosso acesso ao leito rochoso.

os intrusos éramos nós, fechados com ela na câmara metálica, seguindo na corrente, esventrando a natureza à nossa passagem. dentro do navio pouco estável e seguro, eu fazia no vidro pequenas neblinas com a minha respiração, e a viagem prosseguia. sabia que algures, na barriga da velha locomotiva, rasando os carris perto das chispas e faíscas brilhantes do atrito, havia um compartimento secreto no qual jonas, um tigre, um gato e um leão ferido se enroscavam cativos. a idosa deixava um rasto de fumo preto por onde passava; nas vezes que rugia, eu sabia que aquela era a voz do tigre, assim como quando chiava e gemia. a viagem durava seis tortuosas horas dentro do ventre delgado da serpente metálica, e eu enfrentava-as contando os degraus das vinhas, assobiando com o meu pai, desesperando quando o animal matava a sede no tua. os dentes ainda se me colavam quando o homem dos rebuçados já espalhava os trocos da venda no comboio pelo balcão da taberna: certas coisas pareciam durar para sempre. a mãe era então um lugar dramaticamente mais calmo, sem obstáculo, repleto de agradáveis vales arborizados.

depois desta eternidade, o marinheiro, cigarro ao canto da boca, mangas arregaçadas segurando o volante como

quem se encosta ao mastro para mirar as sereias e navegar ao sabor do vento, conduz-nos ao destino, penetrando a bela meseta pela justa estrada romana; no excitado avanço do veleiro negro a rasgar a derradeira curva da via surge a aldeia como porto de liberdade e descoberta.

a casa da avó cheira a anos de isolamento e de dor, e esta noite o céu terá a cor de uma promessa. a avó enlouqueceu, mas não está sozinha. ao jantar, depois de um solitário arroz de sanchas, confessa o esquecimento que a consome num vocabulário de latão e cabedal, numa cadência de ladeira acima, ladeira abaixo. as histórias empoeiradas da avó, despertadas do livro branco e recitadas com aquele brilho exagerado nos olhos de quem tem os protagonistas à frente, em êxtase porque o rei dos animais se dirige a ela, ressoam na aridez do solo rogando pela chuva. os meus pais ouvem-na bocejando, entre o tédio e o tombo de cabeça que lhes dita a sentença: cama!, ordena o carrasco. e vão cabisbaixos, arrastando os pés e pontapeando a esperança da avó em cantar mais uma história dessas que chamam as nuvens prenhes de pedras e saraivadas; a mãe ergue o indicador e aponta para o meu destino naquela noite. dormes com a avó, meu filho. entro na cama cansado, soterrado pelas mantas e pela aspereza da avó, que, mumificada num ouriço de castanha, se enterra ao meu lado.

eu sou o arnaldo, tenho seis anos e, depois deste serão que relato acima, acordarei de madrugada na casa da avó, gelado e destapado. chamarei a mãe, ela não virá,

puxarei as mantas e dormirei sem responder ao sono em que estou. quando acordar de manhã e perguntar pelos meus pais, a avó dirá que se foram embora e que ficarei na aldeia durante um ano. um ano! eu e a avó com o seu hálito a couves, a mortalha preta, os lençóis a cheirar a bafio, a carne da arca, as alheiras caseiras e a triste panela de ferro que só viu chamas e cinza. deus e o mundo nunca mais serão a mesma coisa.

a mãe diz que a aldeia é linda, mas não sabe que a amoreira vista daqui é mais verde e sábia, e que na copa vive uma coruja. desconhece as criaturas que, nos lameiros e nos montes, bebem chá de carqueja e fiolho e nos ensinam que o trovisco mata os peixes dos rios. comecei a ir à escola, a ajudar a avó na horta. arranjei dois amigos, que me fizeram esquecer depressa os meus pais. comecei, aliás, a odiar a minha mãe e a sentir pena do meu pai, e descobri que, nas perfurações na terra onde me dissolvo, debaixo da pele, há um músculo enxertado de oliveira e um vasto relevo de rebeldia da cor das bagas vermelhas do zinho. os meus pais são apenas mais uma das casulas perdidas que vão parar à lua.

ali podia ter finalmente uma vida secreta: ser outro. a avó jamais sairá à minha procura, posso dormir ao relento, perder-me nos bosques de carvalho, respirar água e melação na humidade nocturna. a sensação de infinito é avassaladora, e a narrativa da criação começa ali, no útero da terra quente.

o rui era maior do que nós dois, mais insatisfeito do que os três juntos e o menos amado de todos. subia à carroça e gritava que ele, filho das pedras, tocaria tão alto a gaita-de-foles transmontana, e com tanta pujança, que acordaria o diabo para dançar uma carvalhesa. o telhado da casa do rui tinha um buraco para o céu por onde a mãe deixara fugir todo o amor do lar. ele era imprudente, quase ilusionista, um selvagem que mergulhava no rio para ver a desova dos peixes e que, entre a folha e a força, ia mastigando amoras como quem masca tabaco e bebendo água das nascentes. colava os lábios lamina-dos em funil bem no ânus das pedras, que vertem a água num bater de asa vigoroso, e agitava o corpo como um coelho a acasalar. uma vez tentei imitá-lo, foi assim que parti metade de um dos dentes de cima, o que nunca incomodou ninguém. por insistir em arriscar a pele e andar sempre às ordens do rui, adoeci muitas vezes, mas a avó dava-me uma sopa ácida. depois de vomitar um dia inteiro, eu voltava a ficar rijo como casca de amêndoa.

certa tarde, depois da escola e antes de passarmos em casa para recolher ao bolso o cibo de broa que anteci-pava a última missão do dia, o rui mandou-nos cagar. fazíamos-lo em grupo, a mando dele, num qualquer lugar mais recôndito onde o bronze e o verde desafiam o sabor. fomos ao penedo porque o rui tinha uma ideia e uma corda atada ao braço. a corda servia para duas coi-sas: atar gado e puxar o sino. claro que ninguém caía na esparrela dos sinos de roma, o rui havia-nos já torturado com essa praxe. nunca assumi, mas para mim aquela era a música mais estranha e bela que as criaturas do

poço podiam executar. restava o gado; porém, depois de comermos merda de vaca e de porco, que mais podia ser? voltámos à escola, agora vazia, subimos à onda de pedra que ameaça desfazer-se no declive há mais de mil anos, sentámo-nos e esperámos.

- um de vocês tem de morrer hoje. talvez tu?
- morrer?
- sim, morrer. achas que os teus pais te deixaram aqui porquê?
- não sei.

senti uma gota na face. o céu choraria comigo.

- foi para morreres mais depressa, anjinho. mas ao menos que morras como um homem.
- não sei se me apetece morrer.
- isso é o que vamos a ver.

explicou que esperávamos o rebanho. não se esqueçam do sinal, disse. seguiu-se a leitura da minha sentença: o diabo vinha lá e não era preciso explicar, pois, apesar de nunca o ter visto, saberei quem é. há semanas que o diabo sovava o pastor e desafiava o cão. a aldeia escondia-se à sua passagem. a avó tentou contar esta história na noite da nossa chegada, mas já sabemos o que aconteceu. todos na aldeia o temiam.

madrugada, a geada cobria os campos ainda sem cor. o pastor na pardacenta paisagem olha a encruzilhada: parece que um borrão negro de pó se agita num funil

de vento. quando se aproxima, quatro moléculas separam-se e evaporam-se no ar. chegado à encruzilhada, encontra a cinza negra da bruxaria; tarde de mais, as diminutas partículas colam-se ao seu terror e ao desespero que sente. nem sempre o mal que se apanha é doença: pior mesmo é carregar o diabo. o pastor levava-o agarrado às pernas. primeiro, começou por ser uma águia. o grande pássaro assustava o rebanho, e o pastor, desesperado, arrombou as portas da igreja, roubou a espada a santa bárbara e feriu o animal, que caiu como um meteorito no rio, provocando um ruído fora do normal. o rio abriu a boca e engoliu a águia morta. depois, quando o pastor, heróico, achava ter-se livrado da maldição, a força maligna emergiu da água e entrou na boca do carneiro, tornando-o buliçoso e violento.

ouvimos e avistámos o mar de lã crespado e encardido, agitando-se na caótica sintonia de balidos e chocalhos. vinha o pastor à frente com o cão, o pau e uma manta pesada sob o cabide das costas. o cão era corpulento e rectangular. o pêlo crespo levantava-se num torvelinho na zona do dorso onde decorrera a história da navalhada do javali. olhei o rui e suspirei, desde-nhei com vontade de lhe dar uma pedrada na cabeça antes que me empurrasse do muro e eu rebolesse pelo declive, saca de ossos que se partem nas pedras e se afogam no sabor. apoiei-me na amendoeira e senti que o tronco excretava uma resina. limpei a mão ao chão, quente como lava. nesse momento, transviado do rebanho, um grande carneiro acinzentado de cascos de

chumbo rodava o pescoço em todas as direcções, regougando. outro som irritante e indistinto pressionava-me a cabeça. não fui capaz de tirar os olhos do carneiro. quando me olhou, senti falta de ar, e um líquido espesso escorreu-me do nariz. limpei-me à manga. ali estava ele, inteligente como um homem. começámos por apedrejar o diabo para ver quem lhe partiria o primeiro chifre. o animal resfolegava como um touro enfurecido, tremendamente perto, ao ponto de lhe sentirmos o calor e a pestilência do corpo.

esgotadas as pedras, a ideia era passar por ele e chegar vivos ao outro lado das casas. o rui e o outro saltavam feitos caretos à espera de que eu fizesse o mesmo. o carneiro aguardava por mim, raspando as patas na terra. verdade seja dita, foi fácil para eles, pois o carneiro não desviava a atenção de mim. mal saltei a onda, a cabeça do animal encontrou-me as costas e deu-me uma marrada certa. fui parar às silvas. senti a coroa de espinhos enterrar-se-me na testa e o corpo completamente chagado. nem um protesto. a boca do carneiro ferrou-me a perna, e a besta arrastou-me o corpo pela terra até à entrada da aldeia. rolou-me incessante no chão. o ordálio termina quando a sua pesada pata se ergue sob o meu tronco deitado. quer-me esmagar o peito. a terra rugiu violentamente, as árvores uivaram, a saliva da besta cegou-me. quando rodei o pescoço já solto para avistar se lá vinha a morte, vi o carneiro escavar um buraco e o pastor correr de espingarda na mão.

– finge-te de morto!

ouvi um tiro.

o carneiro caiu sobre a minha sepultura.

escuto a terra em derrocada sob a urna do meu pai.